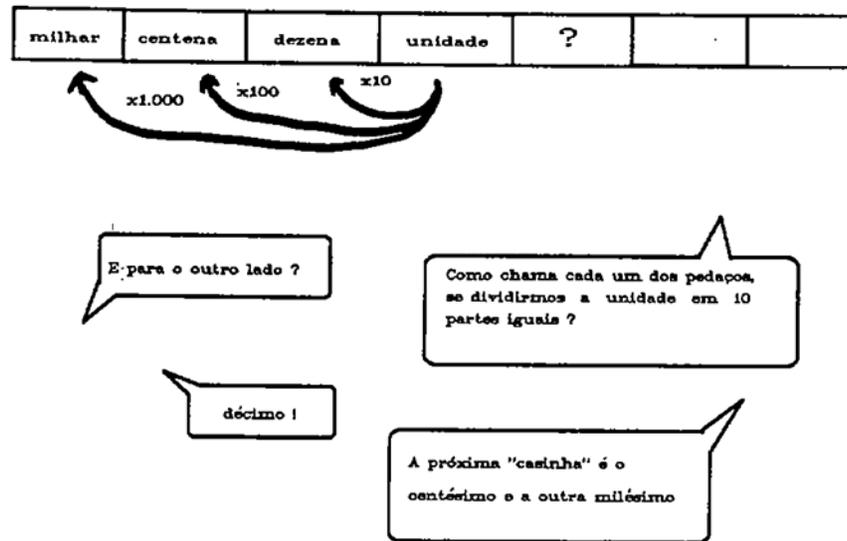


...logo perceberam que tudo faz parte do Sistema de Numeração Decimal (de 10 em 10), que já vinham estudando há vários anos:



Na aula de "Redação", a experiência foi registrada pelas crianças em pequenos grupos, que escreveram textos, que vieram a fazer parte da nossa história. O registro escrito de nossas experiências, integrando os objetivos da área de Linguagem, propiciou um trabalho com a organização do pensamento: O que aconteceu antes? Por que aconteceu desta maneira e não daquela? Socialização da visão particular de cada um a partir de uma atividade coletiva, respeito pelas diferenças individuais e, depois, construção de livros de histórias.

A partir da "farra" do bolo, pudemos "engancha" o estudo mais formal da Matemática; dos prefixos e sufixos, em Gramática, da Leitura e da Escrita.

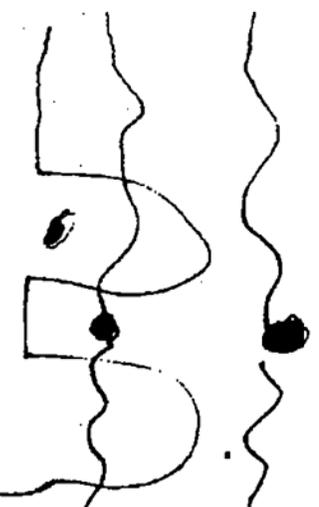
É a partir do conhecimento dos conteúdos, que deverão ser trabalhados durante todo o ano letivo, que o professor adquire uma visão mais ampla e poderá inverter sua ordem, relacionando as matérias escolares entre si e seguindo o ritmo e o rumo da viagem com seus alunos. Mãos na massa, portanto...

Referências bibliográficas:

(1) ANDRÉ, M.; LUDKE, H. *Pesquisas em Educação: abordagem qualitativa*. EPU, 1986.
 (2) FREIRE, P.; SHOR, I. *Medo e Ousadia - O cotidiano do professor*, RJ, Paz e Terra, 1987.
 (3) COLL, S. "Bases Psicológicas". *Cuadernos de Pedagogía* n°139, Espana, Editorial Fontalba S.A., 1986.

Diário da Classe

DO ENSINO TRADICIONAL ÀS NOVAS PROPOSTAS



Justifico-me: conto a história do meu ponto de vista. Outros contarão de outras maneiras. Inclusive os alunos.

Rosa Aparecida José Chimoni *

Foi sofrido refletir. Dor de ir fundo em nossa prática pedagógica, tão sem solução. E cortava, em diagonal, esta escritura, a escritura de um aluno que assim dizia: "Sou a bola. O jogo vai começar. Eles vão me chutar de um lado para outro". E me perdi na feitura do meu texto, na leitura do texto do aluno, para depois me encontrar, e um ex-aluno soprou a minha ferida, ao dizer: "Agora, sou suspeito. Eu gostava de você. Eu gostava de sua aula".

O que tenho a dizer, aqui, é a respeito da minha vivência em sala de aula, na escola pública.

O ensino tradicional de que tratamos não é aquele tradicional mesmo, baseado na Pedagogia da Essência, que se desintegrou há muito, por motivos conhecidos. Chamamos de tradicional esta "geléia geral" que norteia o ensino nas escolas, cotidianamente. A repetição de uma postura, ao transmitir um saber, que passa de professor para professor, de aluno para aluno. Este seguir sistemático de determinados livros didáticos. Esta prática diária dos mesmos gestos, mesmas

questões, mesmas respostas, mesmos exemplos, mesmas propostas de leituras e produção de textos. Entra ano, sai ano. Se sair desta rotina, ai meu Deus, me perco. Foi de uma prática quase desta natureza que comecei a sair, a partir de 79/80, ao entrar na APLL. Digo "quase", porque eu era uma professora que caminhava ouvindo ruídos debaixo dos pés e procurava soluções para a rotina diária. Foi sozinha, dentro das escolas em que trabalhei, que me propus a trilhar o caminho novo. Por isto, este depoimento registrará inúmeros acidentes de percurso e apontará, na maioria das vezes, para o desespero. Ora, a sala de aula, as carteiras enfileiradas, os alunos nelas sentados, e a mesa do professor e sua cadeira, a professora sentada e o quadro-negro como pano de fundo. Como mudar? Seria dar aula de trás para frente? Ir lá no fundo e gritar? Seria trocar de posição com os alunos? Seria, por acaso, nada fazer e calar-se? Como abalar este instituído? Professor é professor? Aluno é aluno? O aluno é o outro, ou o outro é o professor? Qual é o discurso do professor? Qual é o

* Professora de 1º e 2º graus da Rede Estadual de Ensino.

discurso do aluno? Mudar seria começar a responder estas indagações e muitas outras que viriam. O primeiro passo era reconhecer que o professor, depois de alguns anos de prática tão enfadonha, repetindo modelos do livro didático, antes como aluno e depois como mestre, tinha, efetivamente, discurso algum. O que sempre dizia era uma colcha de retalho de frases feitas. Seu discurso parecia construção de inúmeros estilos arquitetônicos. O caos.

E o discurso do aluno? Nunca o ouvira. Em sala de aula, o discurso do aluno não existia. Só cochichos e risadinhas. Ruídos incômodos de quem vive incomodado. Como ouvir o aluno? Como abrir espaço? Afinal, a linguagem não se faz no dia-a-dia? Que abrange também a sala de aula? Era urgente que o aluno falasse. E o aluno falou. Gaguejou, suspirou fundo, engasgou-se, construiu mal, repetiu muitas vezes a mesma palavra, envergonhou-se, riu, riram dele, disse giria e desistiu. Tornou a falar, com as mesmas dificuldades; porém falou. Estava resolvida a questão? Não, não estava. O aluno exigiu que a professora falasse. A professora fez o mesmo que o aluno. Ambos falaram. Ainda, não estava resolvida a questão. E depois do ensaio? O que fazer ao se descobrir que nem um, nem outro - aluno e professor - eram possuidores de discurso articulado? Haveria que buscar um trabalho que prestigiasse a conquista e reconquista da palavra. De que maneira? Trazendo, para a sala de aula, leituras providas de sentido, de indagações - instigadoras - que propiciassem a construção de pontas entre textos e as experiências dos indivíduos. Letras de músicas populares brasileiras; poesias de Ferreira Gullar e Vinícius de Moraes, a pedido dos alunos; contos de Rubem Fonseca e outros. Oportunidades de se escrever em cima de experiências vividas: "A rua da minha casa", "Sou o espelho", "O boi veio à escola". Espaço para reflexões e críticas. Espaço para construção da linguagem e portanto das idéias. Respeito à opção de cada um.

Era o ano de 1982. Houve a leitura do livro: "Feliz Ano Velho" - de Marcelo Rubens Paiva, nas classes de 1^{os} colegiais. O espanto, a perplexidade. Um livro com sexo explícito? O clamor das mães. As discussões em sala de aula. O aluno falando, refletindo, construindo a linguagem e as idéias. Optando. Lá fora, o alarido. Os outros professores escandalizados e o diretor contrariado. A maledicência. O trabalho sofreu seu primeiro bloqueio.

Não era trabalho sério. Omitia os grandes nomes da Literatura: José de Alencar e Machado de Assis. Não sendo trabalho sério, não haveria porquê dos alunos o levarem a sério. Literatura era brincadeira. Brincadeira de uma professora ensandecida. O senso comum, que prevalece no pensamento de grande número de pessoas, falou mais alto. A maioria dos alunos passou a considerar que, realmente, não era assim que se aprendia Literatura. Que o ensino de Língua Portuguesa, também, não se fazia fora da gramática normativa. De muitas regras gerais e poucas exceções.

Um trabalho que propiciava a leitura livre, a multiplicidade de sujeitos e mudava os focos narrativos, para puxar os fatos vistos de outros ângulos, e assim reformular a linguagem, dando-lhe criatividade, não merecia respeito se não acompanhasse seus alunos. No ano seguinte, o outro professor viria, certamente, cobrar o conhecimento, segundo o ensino tradicional. E provava que não aprenderam nada. Os alunos entraram nesta, e passaram a resistir à proposta nova. Com honrosas exceções. De repente, o velho é o aluno. A nova é a professora. O aluno cobra o velho que a professora não é. A professora acaba cobrando de si a incapacidade de envelhecer. Onde buscar outros interlocutores? Alguns professores universitários foram, por diversas vezes, meus interlocutores legítimos. Mas o caminho entre a Universidade e a Escola de 1^o e 2^o graus inexistiu. Alguns professores de 1^o e 2^o graus têm sido meus interlocutores; porém, passageiros. A maioria perdi de

vista; segue, hoje, outra carreira. A escola, para eles, era asfíxiante. Para mim também o é.

O meu trabalho caminhou num corredor estreito; espremido entre os professores que levavam seriamente o ensino imposto de cima para baixo, o tradicional; e os outros que, segundo diziam, tinham uma postura política e negavam o conteúdo, substituindo-o por militância política pura. A escola era balanceada, constantemente, por pesquisas de opinião, por palavras de ordem, movimentos e pichações. Discussões em que nos colocávamos uns contra os outros... Para mim, o único caminho foi a remoção, a procura do conhecimento de outras escolas.

Antes, porém, estive na comemoração de um primeiro de maio, em uma igreja, onde havia pessoas humildes, professores e sindicalistas. Queria entender melhor os movimentos sociais. Ouvi intrigada os discursos. Operários sensatos defendendo o direito de seus filhos adquirirem, na escola, conhecimentos da cultura de elite, patrimônio da burguesia; mas com outra postura, entrando nela a criticidade. Professores equivocados defendendo a negação total do conteúdo, por ter ele cunho burguês; e em seu lugar, colocando aulas de militância política e sindical. Como se o conteúdo não pudesse apontar para isto! Embora eu não tenha conversado com os sindicalistas, entendi a clareza de suas colocações e sabia que estávamos no caminho certo. Transmitiria, sim, os conteúdos aos filhos da classe trabalhadora; partindo da linguagem oral e popular, chegando à norma culta. Descortinaria com eles os textos da "Grande Literatura", partindo de literaturas próximas de suas experiências e de seus gostos. Abri-la, com os alunos, o leque das variantes lingüísticas, e juntos entenderíamos as variadas formas com que se expressaram nossos antepassados e com que se expressam nossos contemporâneos. Porque tomar posse da Língua Portuguesa

e de suas Literaturas é também caminho de posse definitiva deste país. Ambição proibida para a classe trabalhadora.

Fui para outras escolas. Saí de uma, onde todos, assiduamente, procuravam passar o conhecimento em que acreditavam. De maneira provocadora e, terrivelmente, competitiva... Conheci escolas em que todos faltam, se acobertam, dão aulas em duas classes, simultaneamente. Estimulam os alunos a cabular aula. A anterior era uma exceção - que exceção! O cotidiano da maioria das escolas é o segundo modelo... Onde fica o nosso projeto de trabalho? A proposta de reestruturação do ensino? Onde está a esperança?... Em primeiro lugar, a esperança, ainda, é o aluno que diz: "Sou a bola..."

E, agora, eu vou defender a proposta curricular. A esperança, também, é a proposta. Que não é só o documento lançado pelo Estado ou pela Prefeitura. Com muitas falhas. É muito mais do que isto. É a colisão dela com a nossa jornada de trabalho, com o nosso salário aviltado, com a nossa má formação. Mas, ainda, ela é a esperança. Como instrumento que possa mudar a escola, de dentro para fora. Como meio de abrir espaço para discussões e reflexões, para levar-nos, com mais clareza, ao cerne de nossos problemas. Nós, pessoas tão humildes e tão humilhadas, que nos degladiamos uns contra os outros: professores X professores, alunos X alunos; alunos X professores, alunos X direção, professores X direção, professores de 1^o e 2^o graus X professores universitários. Assim, ao sairmos da prática antiga tão embrutecedora, possamos conquistar a palavra, a idéia, com os nossos alunos, através de nossos alunos. Com os nossos colegas, através de nossos colegas. Aprendamos, juntos, a fazer uma luta eficaz, por melhores condições de ensino e melhores salários. Aí, sim, a proposta retornará, com legitimidade e na sua plenitude.